

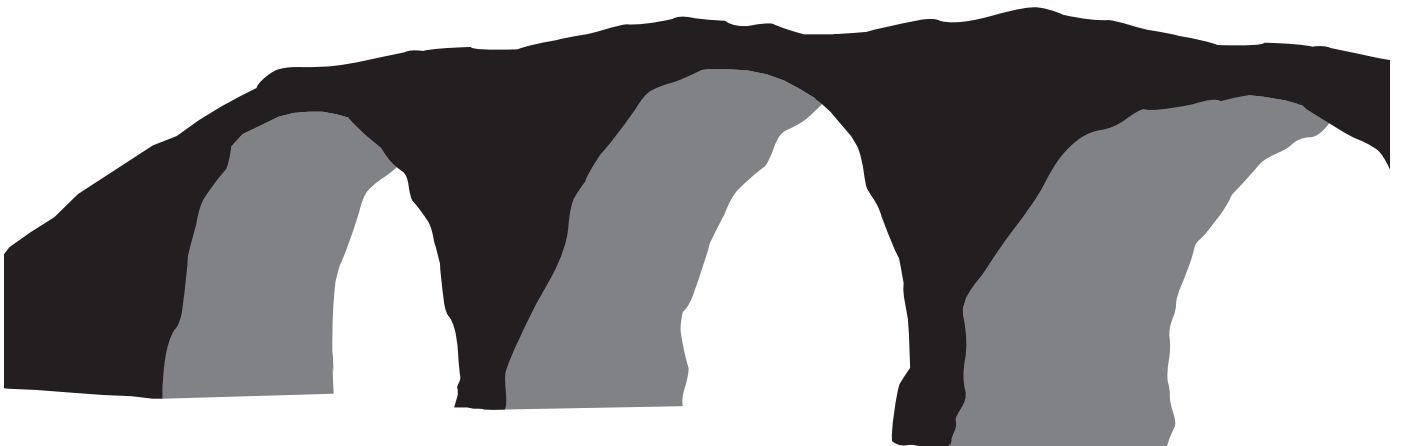
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 4 | Número 1 | Janeiro – Junho 2010

ISSN 1981-5875

UMA ENTREVISTA COM GEORGE FLETCHER BASS

Marina Fontolan



UMA ENTREVISTA COM GEORGE FLETCHER BASS

Por Marina Fontolan¹

RESUMO

O uso de entrevistas em História da Arqueologia é algo de grande valor para este ramo, já que pode ser uma maneira de ampliarmos a análise do desenvolvimento da ciência. Esta e outras questões, sobretudo de História Oral, farão parte da descrição comentada da entrevista realizada com George Fletcher Bass.

RESUMEN

El uso de entrevistas para el estudio de Historia de la Arqueología es algo de grande valor para este ramo, ya que puede ser una manera de ampliar el análisis del desarrollo de las ciencias. Estas y otras cuestiones, sobretudo acerca de Historia Oral, estarán presentes en esta descripción comentada de la entrevista realizada con George Fletcher Bass.

ABSTRACT

The use of interviews in the History of Archaeology is of great value for the field, as it can be a way of widening the analysis of the development of sciences. This and other questions, especially regarding Oral History, will be part of the commented description of an interview with George Fletcher Bass.

¹ Aluna de graduação em História na Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Contato: fontolan_marina@yahoo.com.br; Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais: Rua dos Flamboyants, 155 - Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas - CEP 13083-867, São Paulo - Brasil.

Entre março de 2009 e setembro do mesmo ano foi realizada, via internet, uma entrevista com o arqueólogo americano George Fletcher Bass. Esta foi pronunciada num contexto bem específico, pois ela faz parte de um projeto de Iniciação Científica que tem, por objetivo, uma análise acerca do desenvolvimento da Arqueologia Subaquática a partir das obras deste arqueólogo. Um estudo nesta temática significa pensar a construção da prática da Arqueologia Subaquática como uma ciência.

A escolha de Bass deu-se, antes de tudo, por seu pioneirismo:

“Cabo Gelydonia (Turquia) a escavação de um naufrágio datado do século XII a.C. em 1960, foi a primeira escavação subaquática totalmente relatada e que ajustou altos padrões através do uso de novos métodos projetados para maximizar a coleta de informações, muitos usados até hoje. Então Bass refinou estas técnicas em uma série de impressionantes escavações em naufrágios antigos no leste do Mediterrâneo durante as décadas de 1960 e 1970” (FLATMAN e STANIFORTH, 2008: 169).²

O pioneirismo está, portanto, em Bass ter se formado em Arqueologia, ter aprendido a mergulhar e levar as técnicas de escavação de sítios em superfície para os sítios que estão submersos.

Assim sendo, a pesquisa que está sendo realizada conta com a análise de diversas obras escritas por Bass e dedicadas tanto para um público mais especializado, como os relatórios de escavação, quanto para um público mais geral, como as obras de divulgação científica. A entrevista insere-se, portanto, neste contexto de obras analisadas. Ela tem sido utilizada como uma sistematização da perspectiva do arqueólogo sobre a disciplina atualmente.

Como, a pedido de Bass, a entrevista não pode ser publicada farei breves comentários acerca das respostas fornecidas pelo arqueólogo. No entanto, antes de iniciar, é fundamental fazer alguns esclarecimentos acerca de algumas questões e termos que nortearão este artigo.

O primeiro destes termos é Arqueologia. Aqui, será utilizada a definição dada pelo arqueólogo Pedro Paulo Abreu Funari, que afirma:

“(...) a arqueologia é o estudo da cultura material que busca compreender as relações sociais e as transformações na sociedade. (...) deve se preocupar tanto com as transformações das sociedades humanas no tempo como com o seu funcionamento, sendo assim, a um só tempo, histórica e antropológica” (FUNARI,

2 Original: “Cape Gelidonya [Turkey], the excavation of a shipwreck dating from the twelfth century BC in 1960, was the first-ever fully recorded excavation underwater, and set high standards by using new methods designed to maximize the amount of information retrieved, many of which remain in use today. Bass’ tem went on to refine these techniques at a series of impressive excavations of ancient shipwrecks in the eastern Mediterranean during the 1960s and 1970s”

2006:15 e 18).

Assim sendo, Arqueologia é uma disciplina que tem por objetivo o estudo das sociedades humanas, tanto num âmbito histórico quanto antropológico. É de grande importância notar que ela é uma construção da sociedade (DÍAZ-ANDREU, 2007:4), mas isso é algo que será mais bem tratado posteriormente.

De forma análoga e já definindo o segundo e último termo, será considerado que Arqueologia Subaquática é Arqueologia realizada em ambientes submersos (BASS, 1971:17). Assim sendo, as preocupações que norteiam a Arqueologia terrestre, tais quais propostas por Funari, também nortearão a Arqueologia Subaquática com a diferença de que os sítios estão envoltos em água ao invés de ar.

Por fim, como esta entrevista foi realizada a partir de um projeto de pesquisa em História da Arqueologia, cabe fazer algumas considerações de tal ramo da Arqueologia. Para Kristian Kristiansen:

“Tradicionalmente a perspectiva interna tem sido foco de interesse, mas parece cada vez mais claro que as condições externas também exercem um importante papel no modo que paradigmas são gerados e o poder acadêmico mantido. (...) a história da arqueologia é uma importante área de estudo, sobretudo quando lida com a relação de diferentes grupos de interesse que empregam a Arqueologia em sua política ideológica” (KRISTIANSEN, 2009:31 – tradução minha).³

Para o autor, este ramo é algo de grande importância para a ciência. No entanto, esta importância não está apenas em estudar uma História da Arqueologia “pura”. Para Kristiansen, levar em conta os grupos que se apropriaram disso, junto com seus interesses e ideologias políticas é fundamental. Assim sendo, levar em conta o contexto histórico, no qual uma obra ou prática arqueológica foram criadas, torna-se algo de grande importância. É claro que não será apenas Kristiansen que irá notar isso, outros arqueólogos como Margarita Díaz-Andreu (2007), Richard Hingley (2000), Michael Shanks (1996), o historiador Keith Jenkins (2005) e o antropólogo Thomas C. Patterson (2001) também trabalham, cada um em sua área, com essa mesma perspectiva. Aqui, a ideia de Díaz-Andreu de que a Arqueologia é uma construção social (DÍAZ-ANDREU, 2007:4) passa a fazer sentido se visto sob este aspecto.

A entrevista foi composta por três grandes temas distintos: Experiências no Campo da Arqueologia, Experiências no Campo de Arqueologia Subaquática e Caça ao Tesouro. Será utilizada, desta forma, uma mesma estrutura de

3 Original: “Traditionally, the internal perspective has been the focus of interest, but it seems increasingly clear that the external conditions also play a major role in the way paradigms are generated and academic power maintained. (...) the history of archaeology is an important area of study, not least its relationship to the different interest-groups that employed archaeology in their political ideology”.

apresentação na qual, num primeiro momento, se apresentará as questões que foram feitas ao arqueólogo e, depois, um comentário acerca das respostas que foram obtidas. Este comentário nem sempre seguirá a ordem na qual as questões foram apresentadas, já que algumas respostas são passíveis de interpolação, de modo que sua análise seja realizada de forma mais profunda.

EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA ARQUEOLOGIA

A idéia da escolha deste primeiro tema foi fazer um balanço geral sobre a formação e as influências que Bass recebera durante sua carreira no campo da Arqueologia de uma maneira em geral. Além disso, as questões também envolveram o início de algumas problemáticas que giram em torno da Arqueologia Subaquática. Assim sendo, as perguntas realizadas foram:

1 - Quando o senhor tornou-se interessado em Arqueologia Subaquática? Quais desafios o senhor acreditava que existiam em relação à Arqueologia praticada em meio submerso?

2 - Quando o senhor percebeu que a Arqueologia Subaquática deveria ser considerada um dos campos da disciplina? Por que?

3 - Quais eram suas preocupações, enquanto estudante de graduação? Eles envolviam Arqueologia Subaquática? Se assim for, o senhor poderia elaborar suas idéias?

4 - Quem influenciou seu trabalho? De que maneira eles te influenciaram (temas, teoria, métodos de trabalho)?

5 - Por favor, mencione quais foram seus méritos no desenvolvimento do campo da Arqueologia Subaquática. Como estes elementos o ajudaram a desenvolver e disseminar a Arqueologia Subaquática como uma disciplina acadêmica?

6 - Considerando todo o seu trabalho e atividades, o que o senhor considera como seu mais importante legado?

7 - Considerando sua relação com seus estudantes e discípulos: quais foram seus métodos usados para escolhê-los? O senhor os escolhia cada um como parte de um grupo ou pelos interesses individuais de cada um? A Arqueologia Subaquática foi tema onipresente? Se sim, o senhor escolheu orientar principalmente em

Arqueologia Subaquática?

8 - O senhor é considerado “o pai da Arqueologia Subaquática” por seu trabalho de campo pioneiro. O senhor considera que este título influenciou sua posição e seu trabalho de campo?

9 - Sendo considerado “o pai da Arqueologia Subaquática”, o senhor pôde promover a disciplina nos Estados Unidos e no mundo. Por favor, fale um pouco sobre como o seu prestígio contribuiu para o avanço do campo.

10 - As ciências nos Estados Unidos têm sido consideradas, desde o final da Segunda Guerra Mundial, como as melhores e cujos esforços acadêmicos são os mais completos. O senhor considera que a maior parte da Arqueologia Americana foi afetada por esta avaliação? O senhor considera que seu trabalho foi ou não afetado por ela? O senhor relaciona seu trabalho pioneiro com este papel global?

As respostas para estas questões foram das mais amplas e dos mais variados temas possíveis. Isso foi resultado da maneira como as questões foram idealizadas e organizadas, algo que é comum quando se lida com a idéia de História Oral (PRINS, 1992:190). É claro que considerar uma entrevista realizada por internet como História Oral é algo passível de debate, mas as questões inerentes a este tipo de história aparecem também, aqui.

A primeira e a terceira questões foram respondidas de uma maneira muito próxima da biográfica. Na primeira, Bass afirma que se interessou por questões de mergulho desde sua infância e que este persistiu, mesmo na época em que ele se especializava em Arqueologia. Seu envolvimento com o exército americano e, por fim, o convite que recebera para escavar no Cabo Gelydonia também são elementos que compuseram esta resposta. A terceira questão, escrita em modos muito próximos aos da primeira, foi dedicada à descrição de sua formação na época em que estava na graduação.

A segunda questão acabou sendo respondida de forma que Bass mostrasse algumas facetas do desenvolvimento da prática da Arqueologia Subaquática. No início de sua resposta, ele afirma que desde a primeira escavação ele percebeu a Arqueologia Subaquática como um ramo da Arqueologia. No entanto, a parte mais interessante de sua resposta está em sua afirmação sobre as mudanças no campo: no início ele era apenas um arqueólogo que aprendera a mergulhar e que hoje há, além de cursos especializados, como a graduação em Arqueologia

Subaquática da *Texas A&M University*,⁴ revistas temáticas como o *INA Quarterly*⁵ e o *International Journal of Nautical Archaeology*⁶ e livros técnico-teóricos, como o *Underwater Archaeology: The NAS Guide to Principles and Practice* (2009). É importante notar que tais mudanças aparecem já na década de 1970, com a institucionalização da prática da Arqueologia Subaquática científica via *Institute of Nautical Archaeology* (INA) e o referido curso de graduação.

A resposta à quarta questão inicia com um caráter também biográfico, onde Bass falará da influência que seus pais tiveram em sua formação. Além destas, ele comentará a importância dos arqueólogos John Caskey e Rodney Young. O primeiro por tê-lo ensinado a escavar e a relatar de forma minuciosa e o segundo pela oportunidade de aprender a mergulhar e dirigir a referida escavação na Turquia.

As questões de número cinco, seis, oito e nove foram dedicadas à construção da imagem de Bass como um pioneiro na área. Em todas as respostas Bass se mostra como um arqueólogo que aprendeu a mergulhar, que passou a fazer escavação em ambientes submersos e que deixou, com o legado, um ramo novo e consolidado na Arqueologia. Essa imagem que o arqueólogo passa tem muito a ver com a maneira como ele define a Arqueologia Subaquática: “claro que a arqueologia subaquática devia chamar-se ‘arqueologia’” (BASS, 1971:17).

A questão sete, que dizia respeito à escolha de estudantes e sua relação com eles, trouxe uma resposta de grande interesse para a pesquisa. Nela, Bass irá afirmar que, na década de 1960, ele trabalhou com mergulhadores voluntários e que, já na década de 1970, o trabalho já podia ser feito por especialistas da área. Esta resposta mostra o rápido desenvolvimento e institucionalização da disciplina de forma indireta. Isso nos leva a pensar que não era apenas Bass que estava interessado no desenvolvimento de possibilidades de escavar em sítios submersos, mas já havia todo um debate acerca da questão e que este poderia ter levado a essa institucionalização.

Por fim, a décima e última pergunta foi realizada em torno da ideia da criação de uma identidade. Aqui, Bass afirmará que a ideia de os cientistas americanos serem considerados os melhores do mundo ajudou não só a ele, mas a vários cientistas a realizar diversas tarefas com mais facilidade. Para o arqueólogo essa “identidade” talvez viesse do fato de os Estados Unidos ser o país mais rico do

4 Mais informações disponíveis em: <http://anthropology.tamu.edu/links/archaeology.php>, acessado em 30 de Julho de 2010

5 Disponível em: http://www.inadiscover.com/ina_quarterly/archived_issues/, acessado em 30 de Julho de 2010

6 Disponível em: <http://www.wiley.com/bw/journal.asp?ref=1057-2414>, acessado em 30 de Julho de 2010

mundo. Esta resposta ajuda a justificar a questão do uso do contexto histórico para pensar as mudanças ocorridas na Arqueologia, fazendo disso um estudo sobre a História da disciplina. Sem considerar tal contexto, para Margarita Díaz-Andreu, o estudo que se considera como História da Arqueologia corre um grande risco de se tornar uma narrativa positivista (DÍAZ-ANDREU, 2007:1).

EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA

O segundo conjunto de perguntas foi organizado de maneira muito mais específica do que no primeiro caso. O objetivo, neste caso, foi questionar Bass em relação ao desenvolvimento da Arqueologia Subaquática como uma disciplina científica. Assim sendo, foram enviadas as seguintes perguntas:

1 - O senhor havia mencionado que pertencer ao exército americano foi o melhor treino para um arqueólogo dirigir expedições. Por que, na época, pertencer ao exército era considerado importante para a Arqueologia? Como esta experiência influenciou sua pesquisa? Como isto ajudou-lhe em suas escavações submersas?

2 - Considerando sua biografia e o desenvolvimento de novas tecnologias para escavações submersas, por favor, mencione qual delas foi mais importante para seu trabalho de campo. Como as novas tecnologias influenciaram seu trabalho?

3 - Considerando que o senhor é um arqueólogo americano, que a maior parte de seu trabalho está baseada na Europa e considerando a criação da Arqueologia nestes continentes, por favor, fale um pouco sobre a influência da História e da Antropologia em sua teoria arqueológica. Nos Estados Unidos, a Arqueologia é muito ligada à Antropologia, enquanto na Europa esse papel é desempenhado pela História. Quais foram suas reações no que se refere à estas diferenças de contexto americano e europeu.

4 - O *Institute of Nautical Archaeology (INA)* parece ser muito importante para sua pesquisa. Como a criação do INA ajudou ao senhor e à sua equipe a continuar as pesquisas submersas? Quando o INA mudou-se para os Estados Unidos, o curso de graduação na *Texas A&M University* foi criado. Há alguma relação entre a transferência do INA e a criação deste curso? Se sim, qual?

5 - O curso de Arqueologia Subaquática na *Texas A&M University* pode ser considerado um grande passo para a Arqueologia Subaquática. Tendo em vista esta

história, por favor, mencione os responsáveis pelo planejamento do curso, quem lecionava no início e quais foram as principais mudanças desde sua concepção. Em outras palavras: conte a história do curso.

6 - Considerando o INA e o curso de graduação da Texas A&M University tanto como um grupo quanto como esferas distintas. A criação deles ajudou ao senhor e à sua equipe no desenvolvimento da Arqueologia Subaquática como uma disciplina acadêmica? Se sim, de que maneira?

7 - Considerando, agora, toda sua experiência em trabalhos de campo. Por favor, fale um pouco sobre suas políticas relacionadas ao relato da escavação. Havia um tipo genérico de relatório ou o senhor preparou diferentes tipos de relatório dependendo do campo que o senhor trabalhou? O senhor fez alguma mudança importante desde o início de seu trabalho em Arqueologia Subaquática? Se sim, quais foram elas e por que o senhor as propôs?

8 - Ainda considerando todas suas experiências no trabalho de campo, mas considerando agora suas políticas de segurança. Aqui, não me refiro apenas à segurança de sua equipe, mas também à atenção dada à proteção e preservação do material arqueológico retirado da água. Quais eram suas políticas no início de seus trabalhos de campo? O senhor as alterou? Se sim, quais delas sofreram mudanças e por quê?

9 - Considerando agora não apenas sua experiência em trabalhos de campo, mas todas as experiências que o senhor vivenciou no campo da Arqueologia. O que o senhor pensa que pode ser melhorado relacionado à Arqueologia Subaquática como um novo campo da Arqueologia?

10 - Reflita um pouco sobre o futuro da Arqueologia Subaquática: quais os problemas o senhor crê que a próxima geração de arqueólogos subaquáticos enfrentará? Há alguma preocupação ou problema que a primeira geração enfrentou que o senhor acredita que esta nova geração também enfrentará? Em outras palavras: reflita um pouco sobre o futuro da Arqueologia Subaquática, considerando tudo o que pode ser importante para o senhor e a próxima geração.

Na resposta à primeira questão, Bass contará, de forma biográfica, seu envolvimento com o exército americano, no pós-guerra da Coreia. Segundo ele, o seu envolvimento com a instituição foi usada como um treino para que ele,

como arqueólogo, pudesse dirigir e coordenar as escavações que realizasse. Este envolvimento entre as forças armadas e a Arqueologia Subaquática ainda é algo muito presente no ramo, mas de outra forma. Como afirma Gilson Rambelli:

“Diferentemente do que acontece com os sítios arqueológicos localizados em superfície, que estão sob a jurisdição do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que só emite autorizações de pesquisas para arqueólogos devidamente qualificados, após avaliação de conteúdo de projeto e de currículos; a nova Lei permite que a Marinha brasileira emita autorização de pesquisa para não arqueólogos, e esses tenham direitos a recompensas pelas atividades de resgate desenvolvidas” (RAMBELLI, 2008).

Aqui, mesmo tratando-se da Lei Federal 10.166/00, Rambelli mostra que a idéia de usufruto dos sítios submersos ainda está ligada à Marinha, fazendo com que o envolvimento entre forças armadas e Arqueologia Subaquática seja duas esferas intimamente ligadas. Assim sendo, há mais um contexto que se pode levar em consideração ao pensar o desenvolvimento deste ramo.

Ao responder à segunda questão, Bass afirmará que há uma necessidade de desenvolvimento dos equipamentos de mergulho, de modo que estes garantam um mergulho mais seguro e que dêem ao mergulhador a possibilidade de passar mais tempo debaixo da água. Ao estudarmos as obras escritas pelo arqueólogo, vemos que a preocupação em escrever sobre o desenvolvimento de tecnologias é muito forte entre as décadas de 1960 e 1970, algo que praticamente desaparece nas obras dos períodos posteriores. No entanto, nota-se que isso não é algo que deixa de ser uma preocupação, sobretudo porque o tema não apareceu apenas nesta questão, mas, também, na décima.

Em relação à terceira questão, Bass afirma que ele tem preferência pela abordagem histórica à antropológica para a Arqueologia. Se considerarmos sua biografia, notamos que Bass possui uma especialização em Arqueologia Clássica, assim sua preferência por esta abordagem pode estar vinculada ao seu contexto de formação.

Nas próximas três questões, Bass tratará do desenvolvimento do INA e do curso de graduação da *Texas A&M University*. Aqui, a criação do *American Institute of Nautical Archaeology*, sua mudança de sede para a referida instituição quando a guerra no Chipre teve seu início, a mudança do nome do instituto para o atual (INA) e, por fim, a criação de um curso de graduação são elementos que envolvem as respostas. Estes podem ser considerados como contextos ao estudar a institucionalização da disciplina.

Além disso, cabe, ainda, fazer um último comentário. Enquanto Bass descreve a criação do curso de graduação em Arqueologia Subaquática na *Texas A&M University*,

ele revela algo muito interessante: o curso, que fora criado independente de qualquer departamento da instituição, passou a integrar o departamento de Antropologia. Tal mudança é, na visão de Joe Flatman e Mark Staniforth, fundamental para entender o desenvolvimento da Arqueologia Subaquática como uma disciplina científica, afirmando que:

“(...) nos Estados Unidos, os contextos institucionais levaram a uma influência muito mais forte sobre a Arqueologia Marítima da Antropologia Cultural do que os Estudos Clássicos” (FLATMAN e STANIFORTH, 2008:170).⁷

Essa influência da Antropologia cultural na Arqueologia Subaquática dos Estados Unidos está ligada à origem da Arqueologia neste país, que é muito ligada à disciplina antropológica (FUNARI, 2006: 24).

As questões de número sete e oito interrogam Bass acerca de suas políticas de relatar uma escavação e de proteção aos achados. Para o primeiro caso, Bass disse que começou com uma política de relatório de escavação, fazendo uma referência direta à escavação do Cabo Gelydonia (1967) e acabou mudando. Assim sendo, ele planeja reescrever seus relatórios de escavação, mostrando a questão da subjetividade, já que Bass escolhera uma forma de relatar, mesmo tendo mudado depois. Em relação aos achados, o arqueólogo afirma que os achados eram mantidos com a equipe até que todo o processo de escavação terminasse. Isso era algo passível de mudança, sobretudo quando se encontrava uma grande quantidade de objetos, que acabavam sendo transferidos para o museu durante o período de escavação.

Em relação às duas últimas questões deste conjunto, Bass acabou por enaltecer alguns problemas que ainda são corriqueiros hoje: a questão do pouco tempo de trabalho em ambientes submersos, o entendimento do valor da Arqueologia Subaquática em oposição à caça ao tesouro por um público em geral. O arqueólogo coloca, ainda, a necessidade de criação do curso de graduação na área.

CAÇA AO TESOURO

Por fim, o último conjunto de perguntas será apresentado. Ele foi composto, originalmente, por dez questões. No entanto, alegando falta de tempo, Bass acabou respondendo apenas a oito delas. Desta forma, serão apresentadas apenas as questões que foram respondidas. São elas:

1 - Considerando suas próprias experiências no campo da Arqueologia Subaquática, o que o senhor considerava como diferenças, no início de sua

⁷ Original: “(...) in the United States, institutional contexts led to a much stronger influence upon maritime archaeology from cultural anthropology, rather than from classical studies”.

carreira, entre Arqueologia Subaquática e caça ao tesouro? Estes conceitos foram mudando conforme o senhor ganhou experiências no campo? Se sim, por favor, mencione como eles mudaram (ou se tornaram mais bem definidos) e como o senhor os definiria hoje.

2 - As cartas escritas pelo senhor e publicadas na seção *Perspectives* do *Journal of Field Archeology* parecem pertencer a um conjunto mais amplo de discussões, na década de 1980, sobre as diferenças entre Arqueologia Subaquática e caça ao tesouro. Quando o senhor acredita que esta discussão se iniciou? Como ela era no início e como ela se alterou até os dias de hoje?

3 - Ainda considerando estas cartas: o senhor crê que estas ajudaram, de alguma forma, a publicar as diferenças entre Arqueologia Subaquática e caça ao tesouro? Se sim, como? Se não, por que?

4 - Na carta escrita pelo senhor em 1982, há a seguinte afirmação: “Eu percebi que eu estou perdendo uma batalha neste assunto, mas depois de dedicar minha vida adulta à causa da Arqueologia Subaquática científica e vendo mais uma decisão judicial em favor dos caçadores de tesouros (...) eu devo dizer que nenhuma das tentativas de editar as cartas enviadas à *Science* em protesto aos artigos me parecem ter sido baseados no constrangimento de sensibilidade a processos por difamação (...)”. Se houver possibilidade, por favor, diga o que o senhor quis dizer por “vida adulta”. Considerando todos estes sentimentos ruins na época, o senhor crê que isso mudou e que sua “batalha” está começando a ser ganha pelos arqueólogos subaquáticos? Se sim, qual o caminho usado por eles para reverter esta situação? Se não, por quê?

5 - Considerando apenas a carta publicada em 1985, na qual o senhor traz 15 argumentos que apóiam Projeto de Lei do Senado 1504. Por favor mencione se eles influenciaram estes debates e, se sim, como. O senhor crê que este Projeto de Lei, mesmo tendo sido arquivado, ajudou outros países a promover a importância de se lutar contra a prática da caça ao tesouro e legitimar a da Arqueologia Subaquática? Se sim, como? Se não, por que?

6 - O senhor crê que os discursos da caça ao tesouro ajudou a Arqueologia Subaquática a se definir como um novo campo da Arqueologia? Se sim, de que maneira isso ocorreu? Se não, por que?

7 - No primeiro tema de nossa entrevista, na décima questão, o senhor

mencionou que o título das ciências americanas como sendo as melhores do mundo desde a Segunda Guerra Mundial ajudou o senhor em seu trabalho. Como este título ajudou o senhor e sua equipe a legitimar o discurso da Arqueologia Subaquática, tornando a caça ao tesouro uma prática “imoral”?

8 - Considerando, agora, suas próprias experiências no campo da Arqueologia Subaquática. Quais problemas o senhor enfrentou com os caçadores de tesouros? Como o senhor os resolveu? Em outras palavras: escreva sobre suas próprias experiências ao lidar com este tipo de prática.

Neste conjunto de perguntas, foram feitos questionamentos diretos a algumas de suas obras. Aqui, devem ser consideradas as “cartas aos leitores”, que foram publicadas na seção *Perspectives*, do *Journal of Field Archaeology*, entre os anos de 1981 e 1985.⁸

De uma maneira geral, o arqueólogo mostrou bem a questão da formação de duas imagens notoriamente antagônicas: a do Arqueólogo que trabalha em ambientes submersos e o caçador de tesouros. Ele constrói isso afirmando que, no início, a caça ao tesouro não era vista como uma prática tão maléfica, mas que sua natureza destrutiva e estritamente comercial foi definida com o passar do tempo.

No entanto, ao analisar o relatório de escavação do cabo Gelydonia, publicado em 1967, Bass afirmará que:

“a escavação em si foi possível por um número de fundações e indivíduos, que viram o valor do trabalho numa época em que ‘Arqueologia Subaquática’ era freqüentemente considerada apenas aventura” (BASS, 1967:3).⁹

Através de uma análise externalista, realizada em pleno século XXI, onde as questões relacionadas à Arqueologia Subaquática e caça ao tesouro são muito mais claras, podemos fazer algumas suposições. A primeira delas é que a imagem do “aventureiro” caçador de tesouros já existia na Arqueologia terrestre e foi, de certa forma, “transferida” para o caso da Arqueologia Subaquática. Isto faria com que a afirmação de Bass fizesse sentido à luz de um novo ramo científico, que já não deveria ser considerado como aventureiro, pois essa imagem é o oposto de científico.

No entanto, tomar esta suposição ao pé da letra faz-nos cair em um problema metodológico: se considerarmos esta suposição como válida, poderíamos ver

8 A referência completa das obras estão na bibliografia do artigo.

9 Original: “The excavation, itself, was further made possible by a number of foundations and individuals who had the vision to see the value of the work at a time when “underwater archaeology” was too often considered only adventure”.

uma contradição de Bass e acabaríamos por considerar que as fontes escritas são “verdadeiras” frente às orais, que possuiriam pontos falsos (PRINS, 1992). Como se trata de formas de discurso diferentes torna-se mais interessante, então, considerar a construção destes. No oral, temos a construção duas imagens antagônicas e, no escrito, temos a imagem da prática da Arqueologia Subaquática que está relacionada as das imagens anteriores.

A construção de um discurso que vai fazer uma diferenciação entre Arqueologia Subaquática e caça ao tesouro, como já mencionado, aparecerá em todas as respostas apresentadas às questões feitas. Considerar isto desta maneira gera um estudo que se convém chamar de “externalista”. É claro que uma pesquisa nestes moldes não significa não tomar uma posição frente às essas discussões. Por isso, considera-se válido que:

“(...) se a pesquisa do patrimônio submerso deve, por mero bom senso, ser liderada por arqueólogos, a salvaguarda deste patrimônio, com vista à sua valorização e fruição, não pode ter sucesso sem o apoio mais vasto do público, a começar pelos utentes do mar, quer profissionais quer amadores” (RAMBELLI, 2002:10)

A idéia de preservação de patrimônio submerso é tida por uma necessidade para Bass, como o próprio atestou nesta entrevista. O fato de este discurso persistir, tanto nas obras de Rambelli, quanto na entrevista de Bass, mostram uma necessidade que envolve não apenas uma discussão teórica, mas também ações práticas para que se crie a idéia de necessidade de preservação do patrimônio submerso e que isso seja amparado por uma legislação específica, tal qual ocorre no caso do patrimônio terrestre.

CONCLUSÃO

Para concluir este artigo, é importante notar que a entrevista se mostrou um discurso atualizado de como Bass vê a disciplina. É claro que as respostas enviadas por ele estão vinculadas, como já foi mencionado, à maneira como as perguntas foram realizadas e de como a entrevista foi conduzida. Estes questionamentos, que pertencem à História Oral, são de grande importância para a análise deste tipo de fonte.

Outro tema de grande interesse a este tipo de história é a relação da validade das fontes orais frente as escritas. Procurou-se argumentar que ambas as fontes, ao serem considerados discursos, são utilizáveis para uma pesquisa em uma mesma medida, já que se considera que ambas são passíveis de crítica e de problemas de análise. Não há necessidade de dar mais valor do que a um tipo de fonte ou outra.

O uso de entrevistas em História da Arqueologia é de grande importância. Primeiro porque os arqueólogos, dependendo da maneira como a entrevista foi

conduzida, irão mostrar uma visão mais atual sobre o que lhe for perguntado. Segundo, porque há a possibilidade de ampliar as discussões no âmbito da História da Arqueologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos professores doutores Gilson Rambelli e Pedro Paulo Abreu Funari pela orientação de minha pesquisa. Agradeço, também, a George Fletcher Bass pela concessão da entrevista, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão e recente renovação da bolsa de Iniciação Científica, e, por fim, à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pelo apoio institucional.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

BASS, George Fletcher (Et al). 1967. Cape Gelidonya: A Bronze Age Shipwreck. Transactions of the American Philosophical Society, New Series, Vol. 57, No. 8, pp. 1-177. <http://www.jstor.org/stable/1005978>, acessado em 07/01/2009.

_____. 1971. Arqueologia Subaquática. Lisboa: Editorial Verbo, 13º volume da coleção História Mundi.

_____. 1981. "Perspectives". Journal of Field Archaeology, Vol. 8, No. 4, Winter, pp. 517-518. <http://www.jstor.org/stable/529802>, acessado em 07/01/2009.

_____; Ruppe, Reynold J. 1982. "Perspectives". Journal of Field Archaeology, Vol. 9, No. 1, Spring, pp. 146-147. <http://www.jstor.org/stable/529539>, acessado em 07/01/2009.

_____; Hammond, Norman; Holloway, R. Ross. "Perspectives". 1983. Journal of Field Archaeology, Vol. 10, No. 3, Autumn, pp. 387-389. <http://www.jstor.org/stable/529552>, acessado em 07/01/2009.

_____; Trembour, Fred. 1984. "Perspectives". Journal of Field Archaeology, Vol. 11, No. 1, Spring, p. 121. <http://www.jstor.org/stable/529346>, acessado em 07/01/2009.

_____; Hope-Simpson, R. 1985. "Perspectives". Journal of Field Archaeology, Vol. 12, No. 2, Summer, pp. 256-260. <http://www.jstor.org/stable/530296>, acessado em 07/01/2009.

BOWENS, Amanda. 2009. Underwater Archaeology: The NAS Guide to Principles and Practice. London: Blackwell Publishing, second edition.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. 2007. A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past. Oxford: Oxford University Press.

FLATMAN, Joe; Staniforth, Mark. 2008. "Historical Maritime Archaeology". In Hicks, Dan; Beaudry, Mary C. The Cambridge Companion to Historical Archaeology. New York: Cambridge University Press. Pp.168-385

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. 2006. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2ª edição.

HINGLEY, Richard. 2000. *Roman Officers and English Gentlemen: The imperial origins of roman archaeology*. Londres: Routledge.

JENKINS, Keith. 2005. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto.

KRISTIANSEN, Kristian. 2009. "The Discipline of Archaeology". In: Cunliffe, Barry; Gosden, Chris; Joyce, Rosemary A. (ed). *The Oxford Handbook for Archaeology*. New York: Oxford University Press. Pp. 3-45.

PATTERSON, Thomas C. 2001. *A Social History of Anthropology in the United States*. New York: Oxford International Publishers.

PRINS, Gwyn. 1992. "História Oral". In Burke, Peter (org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP.

RAMBELLI, Gilson. 2002. *Arqueologia Até Debaixo D'água*. São Paulo; Maranta.

_____. 2008. "Entre o uso social e o abuso comercial: as percepções do patrimônio cultural subaquático no Brasil". *História*, vol.27, no.2, Franca. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000200004&script=sci_arttext, acessado em 1 de Dezembro de 2010.

SHANKS, Michael. 1996. *Classical Archaeology of Greece: Experiences of the discipline*. Londres: Routledge.

SITES:

- Mais informações sobre o curso de graduação da Texas A&M University disponíveis em: <http://anthropology.tamu.edu/links/archaeology.php>, acessado em 30 de Julho de 2010
- Informações sobre o INA Quaterly disponível em: http://www.inadiscover.com/ina_quarterly/archived_issues/, acessado em 30 de Julho de 2010
- Informações sobre o International Journal of Nautical Archareology disponível em: <http://www.wiley.com/bw/journal.asp?ref=1057-2414>, acessado em 30 de Julho de 2010

